

PRÁXIS SOCIOCOMUNITÁRIA EM SEU ARCABOUÇO SALESIANO

RODRIGO TARCHA AMARAL DE SOUZA

Mestrando em Educação no UNISAL, São Paulo, u.e. de Americana, licenciado em Filosofia pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo (Unisal), unidade de Lorena (SP). Pós-Graduado (*Lato Sensu*) em Educação (Área de Concentração em Filosofia e Ensino de Filosofia) pelo Centro Universitário Claretiano de São Paulo. Especialização em Ciências Religiosas na Universidad Mesoamericana, Guatemala. E-mail: ir.tarcharo@hotmail.com

Introdução

A sociedade do conhecimento é, a cada dia, transfigurada em complexidade. Imersa de forma subjacente e tácita nesta complexidade, a educação Sociocomunitária surge como meio possível de corroboração à sociedade e ao sistema de ensino regular – formal, frente às lacunas e precariedade de formação humana a uma parcela da Sociedade Civil.

Ancorada em um arcabouço salesiano¹, a educação Sociocomunitária remonta ao proceder educativo da pessoa/persona Dom Bosco, em que conhecimento e saber pelo aprender são indissociáveis aos valores antropológicos humanos. Conceitos que neste texto são trabalhados em uma complementariedade, por meio de pontos comuns: Dom Bosco, interventor, social/comunitário. No entanto, se o conceito ‘Sociocomunitário’ recebe análise desvinculada de seu arcabouço salesiano, consequentemente se vê na condição de contraponto de modelos econômicos, sobretudo o neoliberal.

O proposto artigo desdobra-se na tentativa de dirimir eventuais dicotomias presentes ao tema da educação Sociocomunitária, favorecendo a perspectiva da mobilização política/social/educacional, arquitetando um novo cidadão.

Sistematicamente, o artigo perpassa em um primeiro momento pela descrição de elementos da educação salesiana, seguida da conceituação das formas aplicativas de educação no terceiro setor. Posteriormente, é abordado o aspecto politizador da ação Sociocomunitária. Por fim, o amálgama da práxis Sociocomunitária aos elementos salesianos.

Educação salesiana, uma atualização

A educação salesiana, termo e nomenclatura de procedimentos educativos, remete-se em um primeiro momento à pessoa/persona Dom Bosco, tendo presente sua

¹ A menção feita à palavra ‘salesiana’ remete à compreensão de proceder educativo pautado em critérios e virtudes morais de cunho ético/religioso. Um significado mais genuíno faz menção à pessoa de São Francisco de Sales. Pessoa cujas qualidades humanas foram inspiradoras à pessoa de Dom Bosco, ao ponto de que este nomeasse sua fundação de Salesianos. Cf. AUBRY, Joseph. Francisco de Sales. Um mestre de espiritualidade. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 2002.

experiência na condição de educador de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social.

Como nos afirma Rodriguez (2000, p. 132-133);

[...] a primeira dimensão da proteção tutelar de Dom Bosco para seus meninos foi “a criação de um ambiente educativo rico de humanidade, de alegria e de esforço, que é já por si mesmo, veículo e expressão de valores e de propostas”. Era óbvio para Dom Bosco que não bastava tirá-los das circunstâncias em que se achavam. Havia de coloca-los em outra dimensão que lhes pusesse em evidência ante os olhos dos meninos o que sua situação afojava.

Em um segundo momento, a educação salesiana se consolida na articulação e interação de elementos conceituais de Ciências da educação, como, autonomia, cognição, criticidade, auto criticidade, emancipação (ALCARCÃO, 2011), além dos pilares da educação: ser, fazer, aprender e conviver (DELORS, 2010) com a ampliada compreensão dos procedimentos educativos salesianos no transcorrer das últimas décadas, quando surgiram documentos e livros de análise histórica salesiana de alto nível crítico e por isso, fidedignos.

A fim de respaldar essas informações, Braido afirma:

Assistemática e cheia de potencialidades ilimitadas, a experiência pedagógica do Sistema preventivo proposto por Dom Bosco oferece critérios seguros de método para permanente inovação, da qual se escreveu com autoridade em anos recentes a propósito de ‘nova evangelização’, ‘nova educação’, ‘novo sistema preventivo’. Este é realmente ‘sistema aberto’. (BRAIDO, 2008, p. 679).

É neste sentido que a educação salesiana transcende à barreira da ação pontual no âmbito de modalidades educativas e suas finalidades, para a cooperação e amálgama destas mesmas modalidades educativas em uma perspectiva de processo de ensino e aprendizagem, que permita e/ou facilite ao discente ou quem se paute pela educação salesiana, elementos de teor crítico/emancipatório à uma adequada e possível melhor vivência em sociedade. (HABERMAS, 1996). Em Dom Bosco, compreendemos o mote “Bom Cristão e honesto cidadão.” (BRAIDO, 2004).

Ainda, nesse afinamento dos termos honestidade, bondade, cidadania e cristandade, Villanueva (2012, [S/P]) nos ilumina:

Devemos proceder na direção de uma reafirmação atual da “escolha sócio-política-educativa” de Dom Bosco. Isso não significa promover um ativismo ideológico, vinculado a escolhas políticas partidárias particulares, mas formar para uma sensibilidade social e política, o que conduz, de todo modo, a investir a própria vida para o bem da comunidade social, empenhando a vida como missão, com uma referência constante aos inalienáveis valores humanos e cristãos. Dito em outros termos, a reconsideração da qualidade

social da educação deveria incentivar a criação de experiências explícitas de empenho social e no sentido mais amplo. (Tradução nossa).²

A partir de exemplos concretos, pensemos que as estratégias educativas utilizadas por Dom Bosco, segundo as condições de seu período histórico eram simples e bucólicas, no entanto, suficientes e precisas ao chamado ‘espírito de família’. (PERINI, 2012).

O que entendemos como quebra de rotina ou flexibilidade do trabalho para possibilitar melhores condições físicas e psicológicas em um quadro de disposição e humor a mais eficácia no estudo e no trabalho, Dom Bosco, em sua época, ainda que sem clareza conceitual atual, utilizou-se dos recursos dos passeios. O tradicional passeio de outono.

Durante o outono, Dom Bosco costumava levar os seus jovens a passeio. Eram longas excursões, geralmente a pé, em que se aproveitava também para divertir o povo das aldeias ou cidades onde se hospedavam, com espetáculos do teatro educativo ou academias literomusicais. Dom Bosco aproveitava para evangelizar aquelas populações. (FERREIRA, 2008, p. 70).

Sabe-se que Dom Bosco costumava publicar escritos/folhetos de esclarecimento religioso à população, as chamadas ‘leituras católicas’, uma espécie de propagação religiosa. Hoje, estamos envolvidos pelo mundo da comunicação; neste âmbito transversal do ensino regular formal, a educação salesiana também se propaga por centros audiovisuais, emissoras televisivas, rádios, redes sociais, páginas web, editoras, e tantos outros veículos de comunicação. Ainda que o uso da tecnologia midiática como eficácia ao foco de aprendizagem seja um assunto candente, é inegável a presença desta como ferramenta educacional, desde outros tempos.

A atualização da educação salesiana, não somente por instrumentos tecnológicos midiáticos, mas também pela ressignificação dos elementos educativos privilegiados por Dom Bosco, como respeito, ética, ambiente educativo, trabalho em rede, solidariedade, competência, etc, proporciona um maior diálogo com a heterogeneidade de realidades apresentadas, como cultura de valores existenciais, conceitos e alinhamentos educacionais e aspectos sociais em sua gama de vieses, seja de classe social, grupos identitários, etc. (RSE, 2009).

² Dovremo procedere nella direzione di una riconferma aggiornata della "scelta socio-politica-educativa" di Don Bosco. Questo non significa promuovere un attivismo ideologico, legato a particolari scelte politiche di partito, ma formare ad una sensibilità sociale e politica, che porta comunque ad investire la propria vita per il bene della comunità sociale, impegnando la vita come missione, con un riferimento costante agli inalienabili valori umani e cristiani. Detto in altri termini, la riconsiderazione della qualità sociale dell'educazione dovrebbe incentivare la creazione di esplicite esperienze di impegno social e nel senso più ampio.

Práxis social em seus nuances terminológicos e aplicativos

No primeiro tópico torna-se evidente a tentativa de oferecer elementos educativos que proporcionem integralidade, entendida a partir do trabalho formativo das diversas dimensões: humana, moral, sexual, espiritual, social, psíquica-motora, etc., em uma perspectiva antropológica de alteridade e não somente pragmática no processo educacional, seja estatal ou privado. Somados a este quadro, temos nos últimos anos, especificamente a partir da década de 1990, no Brasil, a eclosão e o enveredamento à proposta neoliberal, a chamada terceira via, ou, melhor dizendo, o terceiro setor.

Martins e Groppo (2010, p. 123), elucidam quanto à terceira via que, “[...] há de se considerar que ela aqui se apresenta como um novo setor social ou, para utilizar um termo de modo, como ‘terceiro setor’, o ‘primeiro setor’ seria o público (Estado), o ‘segundo setor’ o privado (Mercado)”. Martins e Groppo (2010, p. 124-125) ainda salientam:

[...] a pretensa ‘sociedade civil’ como ‘terceiro setor’, seria formada por organizações sociais – institucionalizadas ou não – e mesmo por indivíduos que voluntariamente (uma palavra muito significativa à sociedade civil contemporânea e, como não poderia deixar de ser, às propostas da ‘terceira via’) se organizam para produzir bens e serviços de acordo com os problemas empíricos localizados. Aquilo que se entende por ‘sociedade civil’ costuma estabelecer parcerias com o Estado e/ou com empresas privadas, segue suas agendas ou mesmo depende cada vez mais de seus recursos.

Passando ao campo educacional, a perspectiva do terceiro setor, imersa no panorama do modelo econômico neoliberal, pode aparentemente soar como um mecanismo substitutivo, ou mesmo adaptativo, à estrutura do ensino regular. Há, no entanto, profundas particularidades em cada termo e prática neste âmbito educativo global, a exemplo da educação não formal e pedagogia social, compreendidos como insurgentes, mas que, na realidade, apresentam-se como uma complementação educacional profícua na medida em que favorecem o processo de ensino e aprendizagem em uma concepção de integralidade. Desta forma, precisa-se comentar, panoramicamente, as nomenclaturas em evidência como recorte educacional.

A primeira nomenclatura trata-se da modalidade educativa não formal. Sua compreensão provém inicialmente de outros países, que desde a década de 1960, realizam reflexões a rigor em relação a tal modalidade. Esta se configura pela negação do ensino formal, e também por prover o que faltava em âmbito educativo. Atualmente, após um amadurecimento do termo não formal, esse tem sido compreendido por

estabelecer seu eixo educativo como práxis. Uma prática educativa não regulamentada pelo Ministério da Educação e Cultura (TRILLA, 2003).

Segundo Garcia, (2007, p. 32),

[...] a educação não formal no Brasil, se constitui dialogicamente com ações da filantropia, assistência social, da educação popular, dos movimentos sociais e movimentos culturais, de atividades recreativas, de arte-educação, da educação para o trabalho, das ações voltadas para recreação e utilização do tempo livre e, mais recentemente, já participando com características próprias, das ações vinculadas ao 'terceiro setor' e ao voluntariado, da filantropia empresarial e da educação social.

Quanto à pedagogia social, segunda nomenclatura de recorte educacional, vincula-se a educação social a uma parcela da sociedade. O termo social se une ao termo pedagogia, tornando-se um objeto de estudo específico, bem como uma área mediadora de estratégias, que corroborem o fazer e o construir social.

Com um olhar histórico e conceitual neste artigo, tenhamos presente a ascensão que a pedagogia social vem atingindo no cenário acadêmico, justamente por seu destaque como meio de intervenção social, conforme nos diz Machado, (2008, p. 112):

No Brasil, a marcada ênfase assistencialista do início das intervenções cede espaço a reivindicações por delineamento de políticas sociais públicas para os setores específicos. A própria sociedade civil passa a participar desse debate, ainda que de maneira restrita, e a assumir responsabilidades práticas.

A terceira nomenclatura trata da educação Sociocomunitária. Este recorte educacional trabalha a perspectiva comunitária de cunho social e tem suas raízes pautadas em Dom Bosco, por sua história e forma de intervenção educativa. Neste sentido, nos reportamos a Gomes (2008, p. 52-53):

a proposta da investigação em educação sociocomunitária surgiu do estudo da identidade histórica de uma prática educativa, a educação salesiana. Em suas origens históricas, ela se fundava na articulação de uma comunidade civil de religiosos e cidadãos comuns – em torno de um projeto educacional, que participou e promoveu transformações sociais em seu tempo e lugar histórico.

Com raízes históricas salesianas, precisamente na prática interventora social e comunitária de Dom Bosco, a práxis Sociocomunitária como meio de práxis educativa trabalha na mescla de atributos legislativos, sociais/educativos e carismáticos das faculdades inerentes e orientações da pessoa/persona do fundador (Dom Bosco), com suas qualidades beneméritas de intervenção, alertando para os riscos e desvirtuamento de possíveis práticas, que não levam à emancipação transformadora da pessoa.

Politização, uma possibilidade

A intervenção na/pela educação Sociocomunitária, como mencionado anteriormente, é uma “ferramenta” para uso. Como toda ferramenta, em muitos momentos não é bem utilizada, ao ponto de comprometer o almejado êxito do trabalho.

Tenhamos presente a clássica situação de distorção de sentido quando alguma organização não governamental é cooptada pelo segundo setor, o empresariado, mercantilizando a solidariedade e benevolência com o discurso da responsabilidade social (GROPPO, 2007). Atos generosos, que se materializam em abatimento e isenção de imposto de renda, com o título de filantrópico. A lógica neste processo não é equívoca ou errônea, já que o problema consiste no discurso da qualidade de formação e capacitação oferecidas à sociedade civil, e nestes acreditam muitos adolescentes e jovens, de que são capazes e unicamente responsáveis pelo sucesso ou insucesso profissional, como de vida, quando, na verdade, existe um mercado cooptado a públicos determinados, que consequente e obviamente não são os jovens assistidos em projetos de filantropia.

Como nos sinaliza Martins, (2007, p.122),

A focalização da intervenção torna-se de tal ordem que o resultado alcançado na ‘práxis comunitária’ não resulta em qualquer ameaça à sobrevivência do modo de vida social – pelo contrário, adequa-se tão providencialmente à lógica de funcionamento que se transforma em sua válvula de escape, retroalimentando-o. [...] a tal ponto de ser incorporado à dinâmica do capitalismo como um de seus elementos revitalizadores.

Podemos e devemos nos perguntar se uma politização é possível, ou talvez, seja mais adequado mencionar a urgência de uma repolitização, considerando a passiva cidadania e a letárgica mobilização política, que se vê e se sente enraizadas, culturalmente. Demonstrado por Martins, o augusto projeto ‘Sociocomunitário’, haja vista sua corroboração como ferramenta de emancipação transformadora, se vê deflagrado.

Constatar circunstâncias calamitosas pode ser tido como decepcionante, como também plataforma de mudança, momento de conglomerar disposição à mobilização em campo político educacional e social, por meio de intervenções como a Sociocomunitária, que consiste no amálgama do aspecto social com o comunitário e no caso deste texto, de arcabouço salesiano (GOMES, 2008).

Neste aspecto de critérios e características elementares para mobilização, Arrangoiz (2001, p. 100. Tradução nossa) é enfático³:

No humano, cada membro de uma organização requer saber trabalhar em equipe, ter iniciativa e criatividade, tomar a liderança de sua equipe de trabalho, conhecer técnicas de análise de problemas e tomada de decisões, gerenciar conflitos e possuir um bom nível de relações humanas...

Cada pessoa, membro da sociedade, pode utilizar esta visão como ponto de partida à mobilização política. “[...] a luta pela participação de todos em condições de igualdade é educativa e propicia a seus participantes uma ascensão de suas consciências.” (MARTINS, 2000, p. 48).

Um meio de participação ativa e consciente que está em evidência é o voluntariado, que ganhou destaque nos últimos anos no terceiro setor, de ordem neoliberal, tanto pelo ato magnânimo de generosidade de cada pessoa ou mesmo pelos programas de voluntariado, cooptados pelo segundo setor. Quando cooptado, o programa de voluntariado apresenta-se como desserviço, marginaliza e desacredita o ato benemérito de ser voluntário em seu sentido genuíno (WESLEY, 2002).

Para a consecução de seus ideais, ‘a práxis comunitária’ do ‘terceiro setor’ tem se traduzido, em muitos casos, em educação para o trabalho. Várias organizações estão desenvolvendo ações, por si ou mesmo em parceria com a comunidade, com empresas ou com o Estado – e aqui há muitas escolas envolvidas –, cujo objetivo é treinar os indivíduos para o trabalho, mormente o de tipo ‘flexível’, que é hoje a sua forma hegemônica. (MARTINS, 2007, p. 124).

É neste sentido que a soma da perspectiva do consumo e assistencialismo hegemonizam a solidariedade, revestida e perfilada de voluntariado mercadológico. Todavia, se a intenção e aplicação da ação voluntária apresentar-se e configurar-se como mobilizadora e politizadora de cidadania ativa e participativa, se tornam benéficas socialmente e não mais reprodutora de *status quo*.

Práxis Sociocomunitária salesiana

Em tópicos anteriores já foi mencionado sobre o ponto germinal da práxis Sociocomunitária salesiana em seu tempo e lugar histórico. A ação Sociocomunitária pode ter a vertente de âmbito institucional e carismático em uma gama de possibilidades

³ En lo humano, cada miembro de una organización requiere saber trabajar en equipo, tener iniciativa y creatividad, tomar el liderazgo de su equipo de trabajo, conocer técnicas de análisis de problemas y toma de decisiones, manejar conflictos y poseer un buen nivel de relaciones humanas.

interventivas no campo educacional/social, como também ser de âmbito não institucional, em um alinhamento tênue com a educação não formal (GOMES, 2008).

A ênfase na identidade salesiana pelo seu modo de educar traz à atualidade a riqueza de procedimentos educativos com os quais Dom Bosco soube articular de forma profícua, sendo estes a razão, a religião e a *amorevolezza*, palavra de idioma italiano que em uma aproximação literal consiste em amar e demonstrar, viver empaticamente, viver um processo caritativo.

Esses procedimentos educativos eram e são articulados em um quadro modal: o Sociocomunitário. Seria anacrônico afirmar esta terminologia para com o período histórico de Dom Bosco, contudo, é importante mencionar esta aproximação conceitual atual com a prática vivenciada, historicamente, justamente porque as ações interventoras de Dom Bosco, hoje, também compreendidas conceitualmente como Sociocomunitária, oferecem resistência ao alinhamento neoliberal ainda vigente na sociedade global.

Um exemplo de intervenção social/educativo que em Dom Bosco tem um matiz religioso/espiritual é relatado por Ferreira (2008, p. 49):

Repetiam no meu coração essas expressões, e eis que um certo Pancrácio Soave me vem dizer que havia um tal de Pinardi que tinha um lugar para me alugar, muito adequado ao meu escopo. Fui imediatamente; era uma cocheira. Conversamos, colocamo-nos de acordo sobre o preço do aluguel, sobre o modo de transformar aquele local em forma de capela, foi coisa de poucos minutos. Corri precipitadamente para os meus filhos, reuni-os e naquele ímpeto de alegria pus-me a gritar: coragem, filhos, temos um Oratório. Teremos uma Igreja, uma Sacristia, lugar para a aula e para a recreação.

O espaço/ambiente encontrado, a cocheira segundo o relato, era utilizada para finalidades recreativas, religiosas e educacionais, nos moldes do Oratório⁴. Compreendemos, assim, que a intervenção/ação de Dom Bosco não se configura apenas como ruptura de um sistema social em termos de classes sociais, regimentos, doutrinas, e, sim, no modo de educar das pessoas, partindo da premissa da falta, escassez de atributos elementares à dignidade, sendo estas condições de trabalho, estudo, moradia, alimentação, etc.

Obviamente, o aspecto ‘ruptura’ não é menos importante. Em Habermas (1996), torna-se evidente a necessidade de um engajamento dos indivíduos no processo argumentativo e construtivo relacional para que haja realmente a emancipação. Neste sentido, a ação interventora de Dom Bosco de viés social e comunitária somada ao

⁴ Reunião educativa, de cunho social-religioso, estabelecida por São João Bosco, na congregação dos salesianos, por ele fundada.

engajamento de cada indivíduo, protagonista ou destinatário, cada qual em sua medida e ponto de atuação na ação interventora, proporciona a válida e necessária emancipação transformadora.

Sabemos que as causas para os problemas sociais do modelo hegemônico capitalista são diversas em cada época, e incluem-se neste discurso o tempo e o lugar histórico de Dom Bosco, sendo a Itália do século XIX, em sua incipiente industrialização. É neste sentido que Groppo (2006, p. 140) menciona:

a lógica sociocomunitária na educação está corroída pela integração sistêmica. Tanto quanto noutras esferas da vida social, as qualidades humanas cultivadas ou permitidas por estas lógicas sociocomunitárias presentes na educação podem ir longe demais, num mundo dominado pela lógica sistêmica.

A referida ‘integração sistêmica’ mencionada por Groppo consiste na cooptação de valores e princípios tradicionais da sociedade pela lógica financeira econômica e do poder político. A corrosão destes valores e princípios tradicionais, ainda que, em uma perspectiva simbólica (como por exemplo, a substituição do momento de almoço com a família reunida, no dia de domingo, pelo almoçar sozinho vendo televisão sentado no sofá ou mesmo alimentar-se em ‘fast food’, na companhia dos amigos), pode vir a gerar uma dicotomia na capacidade de compreensão do próprio ser humano, uma possível crise de sentido existencial.

Por isso, querer propiciar e oferecer condições elementares a uma demanda de pessoas desprivilegiadas destas pode soar como um discurso salvacionista, fruto de uma ingenuidade pautada em otimismo. Todavia, tratando-se da pessoa/persona de Dom Bosco, é delicado aplicar estas ideias de forma generalizada e reducionista, pois deve ser considerada na análise de sua pessoa/persona a relação com o transcendente, sem contar que sua capacidade intelectual lhe possibilitava ações práticas e precisas, popularmente caracterizando-o como ‘pé no chão’, pois, trabalhou e estudou no/pelo mundo, conversou e tratou com ‘autoridades’, de assuntos pertinentes à educação e sociedade com/pelas pessoas (BRAIDO, 2008).

A característica de Dom Bosco que também merece destaque é sua preocupação para com o outro. Privilegiava o valor de ser pessoa, a relação de alteridade como forma de crescimento humano e educativo. Atento a este aspecto, Dom Bosco se predispôs a contribuir, também pela dimensão da orientação com/para, um direcionamento existencial de viés católico.

Peraza (2010, p. 51-52) nos ilumina dizendo:

Era básico para a relação pessoal e as condições formativas do ambiente o conhecimento da índole e das situações concretas da pessoa. Igualmente, que se mantivessem vivas na ‘casa do Oratório’ as tradições culturais e religiosas das famílias e das aldeias de proveniência dos jovens, e os valores aprendidos de seus pais.

Conforme Pieri (2000, p. 20), fundamentalmente “Na orientação têm, de fato, importância fundamental não só os interessados diretos, que são os jovens, mas também os genitores, os professores, os educadores, as instituições educativas, o mundo do trabalho, a realidade social”⁵. (Tradução nossa). É claro que não se trata de fazer e realizar tudo como Dom Bosco fazia, pois, o sentido de realidade que animava o educador piemontês para com o tempo atual é distinto (FERREIRA, 2008). Atuar segundo as orientações da Igreja Católica e Sociedade Civil do ‘hoje’ é um ato de responsabilidade. O necessário processo de acompanhamento com/para direcionamento existencial de viés católico ocorre não somente pelo diálogo direto, mas também, na vida cotidiana, no transcorrer de atividades recreativas, festivas na comunidade educativa, ambientes de relação social, que proporcionem experiências significativas ao ponto de gerar reflexões e autoanálise. Aspectos, que quando compartilhados, podem suscitar um redirecionamento existencial, conscientização e capacidades de mobilização.

Desta forma, a perspectiva Sociocomunitária de arcabouço salesiano utiliza também como ferramenta de intervenção em sua práxis a abordagem do acompanhamento personalizado aos membros pertencentes ao projeto Sociocomunitário.

A educação salesiana em sua amplitude, melhor expressa em práxis Sociocomunitária como recorte modal em educação, proporciona em sua prática de intervenção condições de conjugar e congregar elementos conceituais de Ciências da Educação, tendo como exemplo: emancipação, autonomia, aprendizagem, os pilares da educação e tantos outros, com a necessária mobilização de politização e emancipação de consciência.

A práxis Sóciocomunitária, em seu arcabouço salesiano nos moldes delineados acima, apresenta-se como uma das possibilidades de resposta à instabilidade e fragilidade humana/social da pessoa. Humana, pois, frente à desarticulação de potencialidades, como intelecto, psicológico-motor, sexualidade, espiritual, etc, em

⁵ Nell’orientamento hanno infatti importanza fondamentale non solo i diretti interessati che sono i giovani, ma anche i genitori, gli insegnanti, gli educatori, le istituzioni educative, il mondo del lavoro, la realtà sociale.

várias instâncias da sociedade, a intervenção Sociocomunitária em sua flexibilidade enquanto estrutura, pode adaptar ferramentas à consecução do proposto projeto de ensino e/ou trabalho. Social, entendido que a intervenção Sócio-comunitária possibilita conscientização ao nível emancipador/transformador e, dependendo do tipo de intervenção realizada, pode ser vista como capacitadora em competências e habilidades técnico/laboral como meio de subsistência à condição financeira, a partir do trabalho realizado.

Considerações finais

Ciente de que esta pesquisa elocubrativa não está esgotada, justamente pela sua gama de possibilidades e lacunas a serem preenchidas, pretendemos, no entanto, a partir do tema proposto ‘Práxis Sociocomunitária em seu arcabouço salesiano’, tecer, a rigor de retrospectiva, alguns elementos que conformam este arcabouço.

No campo da educação o significado da nomenclatura salesiana tem relevância significativa a ser manifesta, juntamente com a forma e maneira de articulação das modalidades educativas do chamado Sistema Salesiano de Educação.

A proposta de atualização da prática dos procedimentos educativos salesianos não é compreendida apenas pelo paradigma tecnológico que vivemos, mas também pela ressignificação e intensificação da prática genuína salesiana, segundo a diversidade dos contextos culturais.

Foram mencionados como plataforma de prática educativa alguns modelos e/ou recortes educacionais, que corroboram a ação educacional, sendo a Educação Não formal, a Pedagogia Social e finalmente a Sociocomunitária, termo com o qual este trabalho enveredou-se.

A educação Sociocomunitária é configurada nos argumentos ao longo da pesquisa como forma e uma das possibilidades de politização e de desenvolvimento potencial de criticidade emancipatória.

Amalgamada aos princípios salesianos, a prática Sociocomunitária salesiana possibilita, além do restrito e específico de conteúdo e elementos gerais da área de estudo e trabalho, o diferencial da reorientação da existência, pautado e remetido às práticas educativas da pessoa/persona Dom Bosco.

Recebido em 23/07/2012
Aprovado em 07/10/2012

Referencias

ARRANGOIZ, David Casares. *Líderes y educadores. El maestro, creador de una nueva sociedade*. México: Fondo de Cultura Económica, 2001.

AUBRY, Joseph. *Francisco de Sales. Um mestre de espiritualidade*. São Paulo: Editora Salesiana Dom Bosco, 2002.

BRAIDO, Pietro. *Prevenir, não reprimir*. São Paulo: Editora Salesiana, 2004.

_____. *Dom Bosco, padre dos jovens no século da liberdade*. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.

Encontro Continental Escola Salesiana na América. Rede Salesiana de Escolas (Org.). 1ª ed. Brasília: CIB – CISBRASIL, 2009.

DELORS, Jacques et al.. *Educação: um tesouro a descobrir*. Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. Brasília: Unesco, 2010. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0010/001095/109590por.pdf>>. Acesso em: 19-01 jan. 2011.

FERREIRA, Antônio da Silva. *Não Basta amar... A Pedagogia de Dom Bosco em seus escritos*. São Paulo: Editora Salesiana, 2008.

GARCIA, Valéria A. Educação não-formal: um mosaico. In: PARK, Margareth B., FERNANDES, Renata S. e CARNICEL, Amarildo. *Palavras-chave em Educação não formal*, Holambra/Campinas: ed. CMU/Setembro, 2007, p.31-54.

GOMES, Paulo de Tarso. *Educação Sócio-comunitária: delimitações e perspectivas*. Ano X - N.º 18 - 1.º Semestre/2008 - Americana/SP. ISSN 1518-7039 – CDU – 37. Disponível em: http://www.am.unisal.br/pos/Stricto-Educacao/revista_ciencia/EDUCACAO_18.pdf. Acesso em: 20-jan-2012.

GROPPO, L. A. Responsabilidade social empresarial e a mercantilização da solidariedade. *Serviço social e Sociedade*, ano XXVIII, n. 91, 2007, p. 143-162.

HABERMAS, Jurgen. *Racionalidade e Comunicação*. Lisboa: Edições 70, 1996.

MARTINS, Marcos Francisco; GROPO, Luís Antonio. *Sociedade Civil e Educação: Fundamentos e tramas*. Campinas-SP: Editora Autores Associados; Americana-SP: Unisal, 2010.

_____. Educação Sociocomunitária em Construção. *Revista HISTEDBR On-line*, v. 00, p. 106-130, 2007. Disponível em: <http://www.histedbr.fae.unicamp.br/revista/edicoes/44/index.html>. Acesso em: 20-jan-2012.

MACHADO, Evelcy Monteiro. A pedagogia social: Diálogos e fronteiras com a educação não-formal e educação sócio comunitária. *Revista de Ciências da Educação*,

ano X, n. 18, 1.º Semestre/2008. Disponível em: http://www.am.unisal.br/pos/Stricto-Educacao/revista_ciencia/EDUCACAO_18.pdf. Acesso em: 20-jan-2012.

PERINI, João Carlos. *Dom Bosco e os jogos: a fascinante pedagogia do santo dos jovens*. Brasília: RSB, 2012.

PIERI, Severino. *Orientamento educativo e accompagnamento vocazionale*. Torino-Itália: Editrice Elledici, 2000.

TRILLA, Jaume; *et al.* *La educación de la escuela: Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Ariel Educación, 2003.

WESLEY, Costa de Moraes. *Trabalho voluntário na escola pública: Serviço ou desserviço à educação?* Centro Universitário Salesiano –Unisal Americana – Dezembro de 2002.